

## Vida a beira do abismo: juventude, drogas e invisibilidade

Ana Tereza Lemos-Nelson – UFRN/UFPE

ATHAÍDE, Celso; MV Bill; SOARES, Luiz Eduardo. *Cabeça de porco*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

O livro não “faz gênero”, embora possa estar inaugurando um, então não é preciso começar essa resenha pelo contexto literário ou setorzinho acadêmico em que se confinaria. Mas talvez essa afirmação não esteja tão correta, visto que chega perto, com as distâncias históricas e culturais, dos textos do movimento dos direitos civis americanos, escritos por seus poetas ou militantes<sup>1</sup>, essa mistura ansiosa e impertinente de exposição do óbvio que ninguém queria ver, com as palavras que ninguém ousava dizer, quebrando a cumplicidade do pacto do silêncio classe média, rasgando nosso peito para deixar sair a emoção contida, o tremor de tsunami que sentimos sob nossos pés quando caminhamos em qualquer aparente calma pensando no nosso futuro como povo. O empreendimento comum de um rapper de voz nacional, de um produtor cultural que sempre abriu caminhos no aparente impossível, e do cientista social, poeta cotidiano, que entra e sai em fardas políticas como antropólogo fascinado pela pesquisação não só nos leva à *Cabeça de porco*, mas às suas entranhas doloridas. um texto sobre o movimento, em movimento, no movimento político.

Os meninos invisíveis que falam no livro são as vítimas passadas, presentes e futuras, presas nas intrincadas redes de todas nossas equivocadíssimas escolhas passadas e presentes sobre política de drogas, direitos de cidadania, prerrogativas policiais, políticas sociais e culturais que formam uma trama tão

densa que nos garante o egoísmo, cegos óculos de filtro solar para não ver na luz, que funciona como muro de tão grosso, e os torna, do outro lado, meninos invisíveis, em suas lutas sangrentas nos guetos de todo país, nas cordas bambas entre o ser e o não-ser. Invisível é aquele que não tem a chance de ver o reconhecimento nos olhos dos outros. Até antes de *Cabeça de porco* era possível dizer que a gente não sabia, passavam por nós, mas não eram do nosso mundo. O livro mostra que somos todos responsáveis.

Ficam invisíveis também porque morrem tão mais rápido entre os 15 e 24 anos que já se abrem rombos nos mapas estatísticos. E quando se lhes dá a oportunidade de voz, essa invisibilidade vai sendo preenchida com carne, ossos, corações, famílias, desejos, tão como os nossos, leitores de jornais, e trajetórias de profundas privações e escolhas difíceis e quase sempre fatais, que não teríamos a menor idéia de como resolver sem pelo menos uma ida ao psicanalista. Perto de nós, os invisíveis se agigantam na luta constante por re-humanização, mas a arma, que apontam como instrumento para exigir visibilidade, um dia os mata.

Embora se imagine que o tema central seja o mundo das drogas, já que a pesquisa de campo foi feita ao risco da própria pele dos três pesquisadores nos buracos quentes de grandes cidades de Norte a Sul, o desafio é a pergunta grande demais para a resposta: é possível uma vida em comum, é possível resgatar uma sociedade e um Estado de seus farrapos? É possível nos resgatar, em conjunto, de nossas mentiras e omissões assassinas? Temos coragem de

1 Luiz Eduardo resgata com versatilidade o conceito de “Homem Invisível”, de Ralph Ellison, homenageando o clássico do movimento dos direitos civis.

interromper o carnaval e despír a máscara cordial do nosso racismo que discrimina, separa, culpabiliza, invisibiliza e finalmente mata com a frieza das normas culturais politizadas e naturalizadas? Atenção: não mata apenas pessoas negras: mata identidades, canibaliza a solidariedade, impossibilita as normas compartilhadas de ordenação pacífica da sociedade, fratura o que se poderia chamar de Bem coletivo, impossibilita completamente qualquer noção de segurança pública, porque nada é público, nem é de todos, nem é transparente, nem pressupõe cidadãos e cidadãs conscientes discutindo com franqueza as alternativas, estendendo as mãos, os corações e as mentes, se apropriando daquele poder que Hannah Arendt sempre via como oposto ao poder armado: o poder de ação política. Quanto mais o poder é armado, e quanto mais montado em tabus, não há possibilidade de mudança pela via da política. Que poderosa dupla de tabus: política de drogas e racismo! Que intrincada dupla de ideologias para nos manter com os olhos ofuscados, tanta gente invisível, tanto sofrimento reproduzido *ad infinitum*.

Para os autores de *Cabeça de porco* é hora de tirar a idéia de paz do quadrinho na parede e trazê-la para o espaço público, antes que ela vire ex-voto de cera. Falamos de paz positiva, de uma vida com justiça social, econômica e cultural, de vida desfrutada em comum. Mas para se desencadear uma transformação, é preciso primeiro conhecer o que queremos mudar. Isso, para Luiz Eduardo, transforma o livro numa ponte de sentido entre o real e a ação sobre ele. Por isso se despe da linguagem acadêmica, enfrenta a questão da raça na raça, e das drogas no barato natural, na energia intelectual dos que não passaram pela lavagem cerebral das novelas das oito. Mas, avisam os autores: a pergunta é maior que a resposta: e se esse mundo brasileiro não der certo? (Sempre achamos que daria, apesar da beira do abismo). A esperança é um compromisso ético, escudo contra a omissão.

Temos que começar reconhecendo como um todo nosso universo fracionado, a invisibilidade como uma disputa por espaço legítimo, por reco-

hecimento nos olhos dos outros. Mas enquanto uns lutam para não serem reconhecidos como portadores de carteira num ônibus apertado, outros lutam por reconhecimento como seres dignos de direitos, respeito, e futuro. A qualidade necessária, a virtude mais primária nesse difícil processo, não é a simpatia – sentir com – mas sim sendo diferente, se permitir se colocar no lugar do outro, e sentir o que ele sente. Será que daríamos outra chance a nós mesmos? Os estudiosos da paz não encontraram essa empatia necessária nos principais países que passaram por limpeza étnica, onde o processo de reconciliação encontra a barreira dos ódios subterrâneos. Parece com nosso modelo de invisibilidade. Mas temos uma vantagem: cada um pode começar por si mesmo, não é preciso ficar esperando a mudança para mudar. Basta se desarmar interiormente para ver, se reverter e reagir. É nesse diferencial positivo que *Cabeça de porco* aposta.